



Universidade de Brasília – Unb  
Faculdade de Comunicação  
Departamento de Comunicação Organizacional  
Curso de Comunicação Organizacional

**LUCAS OLIVEIRA TEIXEIRA**

**Universidade de Brasília – Unb**

**SUPERSTAR: APRENDER SOBRE A REALIDADE METROPOLITANA  
BRASILEIRA A PARTIR DA MÚSICA.**

Brasília  
2021

# ***Superstar: aprender sobre a realidade metropolitana brasileira a partir da música***

## ***Superstar: learning about the metropolitan reality from the perspective of music***

*Lucas Oliveira Teixeira*

### **Resumo:**

Este artigo busca, a partir da escuta e da leitura da música *Superstar*, construir uma análise sobre a realidade metropolitana brasileira. A música foi escolhida pela sua capacidade de indicar questões que envolvem as complexidades das dinâmicas urbanas, de consumo e sociais em um contexto de marginalidade. A música de Fabrício *F.B.C* compartilha um relato íntegro de uma vivência caracterizada por desigualdades e, essencialmente, sobre formas de resistência às relações segregadas da metrópole. A primeira parte, além da apresentação do tema e contextualização, é uma descrição das teorias levantadas. Já a segunda, é destinada a entender os aspectos da Região Metropolitana de Belo Horizonte/MG presentes na música *Superstar*. Na terceira parte, tem-se um momento para discutir as questões da letra da música e a teoria de globalização e urbanização proposta por Milton Santos. Busca-se aqui, construir um estudo que contribua com a produção de conhecimento e, também, ecoe a voz da periferia dentro de ambientes que a silenciam, engrossando ainda o entendimento do rap como episteme e, sobretudo, aprender com os artistas e suas histórias de vida.

**Palavras-chave:** Rap, Urbanização, Globalização, Desigualdade, Milton Santos.

### **Abstract:**

*This essay looks for constructing an analysis of the brazilian metropolitan reality based on the hearing and study of Superstar songs. This song was picked in regard of its capacity to indicate complex questions on consumption, urban dynamics and social*

*issues in context of marginality. Fabricio F.B.C's music shares a straightforward report of a life characterized by inequalities and essentially ways to resist the metropolitan segregated relations. The essay's initial part consists of both presentation and contextualization of the theme. The second one is destined to the understanding of the aspects of the Belo Horizonte Metropolitan Area found in the song. The third part of the essay is the moment when it's discussed about the song's lyricism and Milton Santo's thesis on globalization and urbanization. What's been tried to achieve here on this essay is a research which contributes to producing knowledge and also resonate the periferic voices inside the spaces where they're usually silenced, supporting the understanding of .Rap as an epistemology and overall learning from this artist's life stories.*

**Keywords:** *Rap, Urbanization, Globalization, Inequality, Milton Santos.*

Para entender a construção da marginalidade brasileira é essencial investigar as legislações que regulamentam as dinâmicas urbanas. Nota-se a influência de valores presentes nas legislações de antes da República Velha até os dias atuais. Falar da construção da marginalidade aqui no Brasil é projetar olhares às mazelas edificadas pelo homem branco na época da escravidão. As características das leis e normas no Brasil, pré-abolição da escravidão, revelam como os arranjos normativos, institucionais e burocráticos não se desvincularam da proposta de precarização da vida das pessoas negras até hoje. Flauzina (2006), ao analisar historicamente o Código Penal brasileiro, descreve o impacto da Lei da Vadiagem, de 1830, para as dinâmicas da cidade e para a vida e relações (pessoais e interpessoais) dos negros tanto em situação de escravidão, quanto os já libertos.

Normas que institucionalizam a vigilância da cidade como responsabilidade da polícia não é novidade do Estado Democrático de Direito. A reforma do Código de Processo Penal do ano 1841, atribui poderes da magistratura para a autoridade policial, que para Flauzina (2006) é quando a institucionalização dos sistemas de vigilância vai alimentar referenciais racistas da ordem urbana ainda existentes. No ímpeto de

dominar o urbano, a vigilância nas cidades vai estar sempre “confundida”, diz-se, intencionada. Seja no século XIX “confundindo” quilombos urbanos com ajuntamento de criminosos ou escravos capturados com criminosos, seja no século XXI “confundindo” criança indo à escola com bandido ou até “confundindo” músico com traficante perigoso. No trecho:

A Lei 1.030 de 1876 da Câmara Municipal de São João do Monte Negro, por exemplo, vedava aos escravos vender ou administrar nas casas públicas de negócio, configurando uma restrição no acesso a certos postos no mercado de trabalho. Nessa mesma lei, havia uma vedação expressa aos escravos de serem proprietários de imóveis, sendo multada a pessoa que vendesse o local. (FLAUZINA, 2006, P.58)

Ana Flauzina (2006) destaca como a lei era utilizada como instrumento de reforçar a lógica de privilégios e suas implicações para a organização econômica, social e do trabalho e como as pessoas negras estão historicamente prejudicadas, em desvantagens nas relações de mercado/trabalho. A Lei Áurea é assinada, depois inicia a República Velha, as relações raciais e econômicas vão se moldando e desenhando o que hoje é resultado de séculos de construção da marginalidade. Para Raquel Rolnik, que parte da análise das legislações urbanísticas, “desde a República Velha até a atualidade, as legislações urbanas acabam por privilegiar apenas as classes mais abastadas”, segundo Rolnik os investimentos públicos são voltados aos não necessitados.

As legislações urbanas vão seguir, de 1930 adiante, perseguindo os homens negros, mulheres negras, homens e mulheres pobres em direção a segregação e marginalização. Essa perseguição, ora é caracterizada pelos valores racistas, ora pelo valores de classe. Sendo significativamente mais sentido nas interseccionalidades<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Conceito de Interseccionalidade considerado por Angela Davis em ‘Mulheres, Raça e Classe’ que discute a necessidade de entender as relações mútuas e/ou cruzadas das condições de raça, classe e gênero. Como destacado no trecho: “As organizações de esquerda têm argumentado dentro de uma visão marxista e ortodoxa que a classe é a coisa mais importante. Claro que a classe é importante. É preciso compreender que classe informa a raça. Mas raça, também, informa a classe. E gênero informa a classe. Raça é a maneira como a classe é vivida. Da mesma forma que gênero é a maneira como a raça é vivida. A gente precisa refletir bastante para perceber as intersecções entre raça, classe e gênero, de forma a perceber que entre essas categorias existem relações que são mútuas e outras que são cruzadas. Ninguém pode assumir a primazia de uma categoria sobre as outras.

Dentro dessa perspectiva, surge o favelado, que perseguido pelas legislações urbanas higienistas e racistas, é excluído dos espaços com infra-estrutura pelo mercado imobiliário. Para Kowarick (1993), a segregação é um processo necessário à dominação social, econômica e política por meio do espaço, onde o “mercado imobiliário expulsa o favelado, gerando um quadro de exclusão desse segmento”.

Os assim chamados problemas habitacionais, entre os quais a própria favela, devem ser entendidos no âmbito de processos socioeconômicos e políticos abrangentes, que determinam a produção do espaço de uma cidade e refletem sobre a terra urbana a segregação que caracteriza a excludente dinâmica das classes sociais. (...) Semelhante processo dá origem a uma produção do espaço urbano que só pode ter características nitidamente segregadoras. De um lado, tem sido um dos principais fatores do crescimento caótico da cidade, pois cria periferias cada vez mais longínquas dos centros de emprego e, ao mesmo tempo, gera um padrão de sedimentação habitacional rarefeito e descontínuo, impedindo que uma imensa massa humana seja beneficiada com bens de consumo coletivo básicos. (KOWARICK, 1993, P.83)

A questão habitacional é uma ferramenta utilizada para produzir segregação espacial, caracterizada pela seletividade do poder público na prestação de serviços, além de reforçar o movimento de geração de favelas.

O século XXI é caracterizado por um Brasil que tem a maioria dos seus habitantes vivendo em áreas declaradas como urbanas<sup>2</sup>. E para análise internacional, entende-se que quando há presença do movimento de industrialização, como reação há a urbanização do espaço (OLIVEIRA, 2003). No entanto, a industrialização não se estabelece e não se forma a partir de um processo equilibrado, justo e igual no território brasileiro. Foi, justamente, o crescimento industrial e o agrícola que consolidaram um mercado sedimentar para a urbanização brasileira (OLIVEIRA, 2003).

Teria havido então uma conciliação entre o crescimento industrial e o agrícola, já que a criação de um mercado urbano e industrial, que teria imposto um tratamento de discriminação e de confisco sobre a agricultura, oferecia como contrapartida a manutenção de um padrão “primitivo” nas atividades agrícolas que tinha por base as altas taxas de exploração da força de trabalho. (OLIVEIRA, 2003, P.32)

---

<sup>2</sup> Resultado encontrado no relatório Tendências Demográficas - Uma análise dos resultados da Sinopse Preliminar do Censo Demográfico 2000 - IBGE, acessado em 28/06/2019: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv773.pdf>

Entendendo as contribuições de Brenner (2018) para o estudo do urbano, suas teses sobre a urbanização, considera-se o urbano uma unidade analítica entendido como um produto estruturador das práticas sociais e as estratégias políticas aqui, para o autor então “o que sustenta em maior medida a problemática contemporânea da urbanização não é a formação de uma rede mundial de cidades globais ou uma única megalópole universal, mas a extensão desigual desse processo de destruição criativa” (BRENNER, 2018, p.303) concebe-se assim, o urbano como esse sistema gerador de condições desiguais.

O Brasil se esforçou para reforçar em suas burocracias os valores que nasceram em um contexto de escravidão; se empenhou (e se empenha) na perseguição de segmentos da sociedade, apoiando-se em concepções, crenças e juízos edificados na colonização, com intuito de preservar a vida e o acesso de quem pertence e sempre permaneceu o poder de influência e o econômico. Os territórios das metrópoles brasileiras são espaços onde a arena de disputas sociais, econômicas, políticas, trabalhistas, raciais, etc, são viabilizadas.

Para Souza (2008), o crescimento da periferização na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH) está relacionada ao crescimento da cidade de Belo Horizonte que começou na década de 50, quando destaca-se o parcelamento de terras e crescimento das cidades do estado de Minas Gerais. É na década 60, como descreve a autora, que a RMBH é reconhecida como centro econômico de MG, além de serem anos marcados pelas migrações para as cidades de grande porte. É no governo militar que o estado mineiro se beneficia de políticas de incentivo fiscal e se dispõe à entrada de capital estrangeiro.

A qualidade dos loteamentos foi a principal estratégia do mercado imobiliário para controlar o uso e ocupação do solo na RMBH, pois através de sua influência direta sobre o preço do lote, o mercado imobiliário selecionava os habitantes das regiões mais nobres da capital, expulsando para as áreas periféricas do próprio município ou, ainda, para outros municípios da RMBH a população de nível sócio-econômico mais baixo. (SOUZA, 2008, P.72)

A autora investiga as direções que a RMBH segue, constata uma intensa verticalização e loteamentos que marcam a década de 70. Ademais, na década de 80, Souza (2008) destaca o contexto que o Estado, a partir de burocracias políticas, esqueceu o planejamento urbano da Região para privilegiar o movimento do mercado imobiliário privado de intensificar a oferta de loteamentos para a população de alto nível de renda. A migração interestadual e intrametropolitana de indivíduos com baixos níveis de rendimentos configuraram redistribuições espaciais da década de 90. É assim que o crescimento da RMBH intensifica dois processos, a Urbanização e a Periferização da região.

A constatação da realidade desigual leva muitos MC 's favelados a construir músicas com letras que narram a realidade vivida nos territórios espalhadas Brasil afora. Essas narrativas são relatos de sujeitos que buscam, não só denunciar, mas também construir suas identidades e valorizar suas epistemes, artes, comunicação, memória coletiva, música, cultura, território, etc, de suas vidas e das pessoas que integram suas redes de sociabilidades, suas famílias, amigos e vizinhos. É a partir dessa capacidade do *rap*, nesse caso mais especificamente do *trap*, que analisar a letra da música *Superstar*, do Fabrício “F.B.C” , nos direciona tanto para apresentar aspectos da metropolização, quanto apresentar relações de consumo e suas implicações no contexto da periferia.

O fenômeno do rap está diretamente conectado às questões raciais e urbanas. Foi nos EUA ainda durante o apartheid que surgiram os primeiros movimentos internacionais formados por artistas negros. O entendimento consagrado da etimologia da palavra *rap* é Rhythm And Poetry [ritmo e poesia], surgido no Bronx, em Nova York, no início dos anos 1970 (LOUREIRO, 2016). No entanto, existem influências observadas, por exemplo nas narrativas dos griôs africanos, do Repente e da Embolada nordestinos, que não podem passar despercebidos no processo de surgimento do gênero.

Para o movimento do Rap no Brasil, destaca-se o Grupo Racionais e o Sabotage como essenciais para a tradição do rap nacional. Aqui, o hip-hop ganha força a partir da

década de 80 sendo ouvido nas periferias, entre os jovens de baixa-renda e nas prisões. Diferente do século XX, os últimos 19 anos tem sido marcado por uma “nova escola” do rap, muito influenciada pelo legado do Grupo Racionais, mas também agregado às novos paradigmas (LOUREIRO, 2016):

Ao contestar a visão cordial e conciliatória que estrutura o mito da democracia racial brasileira, o grupo [Racionais] teria sido capaz de criar um campo de identificação não mais ancorado na imagem do pobre alegre e festivo, mas do preto, pobre e periférico que não aceita a subjugação e revida. (LOUREIRO, 2016, P.238)

Para o autor, a “velha escola” fica então respeitada pela capacidade de articular questão racial e de classe numa postura agressiva e intransigente, enquanto a “nova escola” também agrega como característica “maior escolaridade, maior acesso a bens de consumo, flexibilidade no trato com a grande mídia e considerável traquejo comercial”, traços percebidos e vinculados à periferia e aos novos arranjos políticos, econômicos, sociais e tecnológicos. O trap é uma ramificação do rap que surge concomitantemente aos movimentos da nova escola, com uma proposta temática e sonora diferenciada. O trap fica então caracterizado por seu conteúdo agressivo (temas que incluem criminalidade, tráfico de drogas, festas, sexo, cadeia, violência, armas, gangues, amigos, morte, entre vários outros que se confundem com temas gerais do rap e da experiência urbana da periferia), e som que incorpora bumbos sub-baixo, em tempo duplo, em tempo triplo e outros tempos mais rápidos de divisão chimbais e sintetizadores<sup>3</sup>.

O álbum SEXO, COCAÍNA E ASSASSINATO – S.C.A é circunscrito pelo próprio Fabrício F.B.C como um álbum de trap, isso é identificado morfológica, sintática e esteticamente durante as músicas. Encorajando assim o ouvinte a entender o que verdadeiramente acontece dentro das periferias belo-horizontinas. Aprender a realidade a partir da música é um caminho que privilegia descrições de “experiências particulares em situações, além de ser um recurso metodológico que busca elucidar a dimensão do

---

<sup>3</sup> Miles Raymer. *Who owns trap?* Chicago Reader e Joseph Patterson (19 de janeiro de 2013). *Trap Music: The Definitive Guide*. Topman. Sabotage Times.



vivido como bem mais dinâmica do que simples análises de terceiros possibilitam entender”. (NOVAES, 2016)

### **A música: SUPERSTAR**

*Eu tenho um tênis louco e tão raro  
Tão caro (caro), o tênis mais louco do bairro  
Meu bairro é simples, não tem asfalto  
Mas meu tênis (tênis) valeria um assalto  
Eu tenho (tenho) um tênis caro tão novo  
O mais louco (novo) e raro tênis do bairro  
Meu bairro tão violento e simplório  
Meu tênis, aqui, vale um velório  
Roubados, os invejosos dizem: Roubados  
Tão caros (tão caros), impossível tê-los comprado  
Eu tenho um tênis louco tão raro  
E ando neles (neles) nas minhas ruas de barro  
Meu bairro (tão violento e medonho)  
Barreiro (vila Pinho lombrada)  
Ferrados (aqui os manos não sonham)  
Só fumam, vendem drogas e matam  
Nem querem ter o tênis mais caro  
O mais raro, o tênis mais louco do bairro  
Eu tenho, chegou pra mim na caixa  
Nem precisei tirar o ferro da calça  
Populares vão dizer que eu estou rico  
Só porque eu tenho um tênis louco tão caro  
Cafés da manhã, hotéis limpos (limpos), tênis novos  
Meu coração batendo confortável  
Eu tenho um tênis louco tão caro*

*Tão raro, o tênis mais louco do bairro  
Meu bairro é simples não tem acesso  
Mas meu tênis (meu tênis) é louco, olha o cadarço  
Ô Zé onde cê mudou?  
Tá amarrado!  
Hahahaha Deixa eu estrear, Zé, deixa eu estrear ele aí  
Tá amarrado!*

**Figura 1** - *Tênis Superstar*



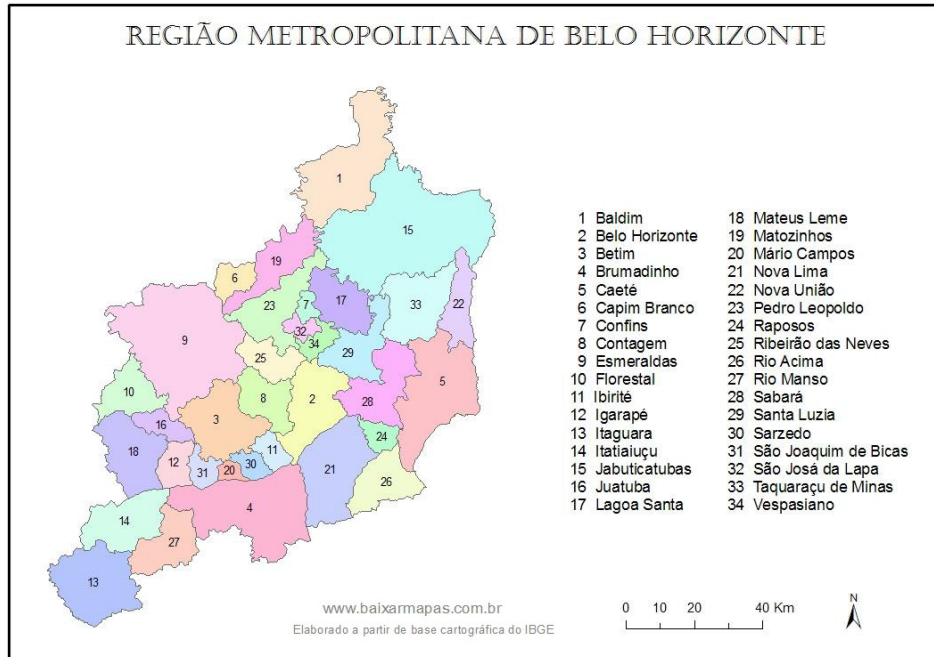
Fabrizio “F.B.C”, acrônimo para *filho bastardo do caos*, rapper/trapper, de Belo Horizonte, ou melhor, da periferia da cidade. Começara sua carreira em duelos de MC 's que aconteciam na região. Seus trabalhos, como o EP “C.A.O.S” e o álbum “S.C.A” - são argumentos, narrativas, subscritas no universo da favelização, histórias que se imbricam e geram, por sua vez, uma História. Estas personagens, são *griots*, que se tornam, simultaneamente, *pivôs* de novas organizações espaciais metropolitanas alicerçadas no volume massivo de circulação de informações e pessoas, e os elementos preteridos no elencamento de direitos e privilégios. O epistemicídio, que por sua vez, se incumbiu de despersonalizar estas pessoas/comunidades, tenciona-se à pressão destas formas de resistência memorial – isto é, quando Fabrizio “F.B.C”

disserta acerca das tensões geradas pela fricção da violência estrutural do capitalismo nas metrópoles, a urbanização desigual ou a ausência desta em contraponto a homogeneização da urgência do consumo de bens *globalizantes*, o autor registra, segundo a episteme do rap/trap, suas impressões, memórias e narrativas, de maneira a se comunicar retroativamente com sua comunidade, instaurando ferramentas comuns ao regaste da memória de sua comunidade. Irrompendo assim, padrões estigmatizantes outorgados aos homens jovens da Vila Pinho, abordando também a aparente violência latente como um fluxo, um processo, no qual, seus pares são os meios os quais as elites se valem para lograr sucesso. O autor, residente da região de Barreiro, mais especificamente, da Vila Pinho – região administrativa de Belo Horizonte com 8.225<sup>4</sup> habitantes – é vítima de um descaso seletivo, de um projeto de ausências, ausência da figura paternal do estado por suas vias formais, como infraestrutura urbana básica (rede de tratamento de esgoto, água encanada, asfalto, etc), sistema de transporte público de qualidade – *especificidade* esta que deverá ser encarada com severa parcimônia uma vez que, por sua herança rural, parece não ser tão visível em toda região de Barreiro, no caso da Vila Pinho, se dá, ainda, de formas análogas às de uma conjuntura não-urbana, sendo este bairro, em específico, considerado um espaço de difícil acesso até mesmo ao centro de sua região. Em Barreiro, a especialização das técnicas que desempenham papel fundamental no regime da vida contemporânea, em repetidos casos, é fator de substancial importância nas questões ligadas à empregabilidade dos indivíduos. Verifica-se que a população ocupada economicamente, isto é, que possui renda, é atribuída, proporcionalmente em termos absolutos, um grau de permissividade no mercado proporcional à sua capilaridade de participação nas instituições de ensinos fundamental, médio e superior, e que, este, conjuntamente, corroborando às disputas ligadas à mobilidade urbana, infraestrutura regional, especulação imobiliária, etc. acompanham os fatores limitantes ao acesso de dispositivos globalizantes, e resultam, na sintomática, globalização desigual.

---

<sup>4</sup> Dado do Censo realizado em 2010 pelo IBGE.

**Figura 2 - Mapa da Região Metropolitana de Belo Horizonte**



*“Eu tenho um tênis louco e tão raro  
Tão caro (caro), o tênis mais louco do bairro  
Meu bairro é simples, não tem asfalto  
Mas meu tênis (tênis) valeria um assalto”*

Ao ouvir [no trecho acima] o que o eu-lírico da música fala de seu bairro, observa-se várias questões que caracterizam a experiência de viver na metrópole. Quando o assunto é metrópole vale lembrar que metrópole não é sinônimo de urbanização e nem de globalização (DI MÉO, 2008). A urbanização e o movimento de globalização serão notados a partir das relações capitalistas, industriais, de trabalho, de consumo, etc. (SANTOS, 2010). A metropolização é caracterizada pela aglomeração de habitantes dispostos em torno de um (ou mais) centro urbano (DI MÉO, 2008), onde os

vetores de expansão são verificados. Nesses centros são percebidas relações econômicas, industriais, de emprego que ultrapassam os limites da cidade:

A metropolização confere por sua vez uma nova amplidão, uma diversificação desproporcionalidade e espaços incontestavelmente novos a estes fenômenos de segregação/ segmentação de certo modo antigos. Ela os conduz às suas convulsões, multiplicando de um lado os bunkers riqueza, aos quais ela pode conceder uma autonomia política de gestão, isolando de outro modo os guetos desfavorecidos, abandonados pelo poder público. Ao todo, o termo « metropolização » faz referência a processos. Ele caracteriza tanto as formas quanto às funções e as dinâmicas dos maiores agrupamentos humanos de nosso tempo. (DI MÉO, 2008, P. 3)

O eu-lírico da música ao exibir seus tênis caros e raros pelo seu bairro, revela a assimetria de usar aqueles tênis em ruas que não tem asfalto. A realidade da periferia brasileira, nas metrópoles, é de uma relação ofuscada entre a urbanização e a não-urbanização, no qual, o Estado e o mercado atuam escolhendo onde e quais estruturas serão privilegiadas nos planejamentos urbanos. Dentro do processo de urbanização no Brasil, aspectos sociais foram comprometidos. A industrialização brasileira trouxe vantagens para alguns segmentos e territórios da cidade, no entanto os subúrbios “proliferam-se e quase que se pode considerá-lo como uma forma típica de urbanização dos países subdesenvolvidos” (SANTOS, 2010. P. 131)

Nos países subdesenvolvidos, as cidades nasceram ou foram inseridas em um contexto de urbanização industrial, ou seja, em um quadro onde a industrialização dos países desenvolvidos havia apresentado numerosas repercussões. Por essa razão, faz-se necessário levar em conta dois dados essenciais no que se refere ao seu desenvolvimento. Em primeiro lugar, certas atividades à eletricidade, à mecânica, à gráfica, ao petróleo acham-se presentes, desde o início, nas cidades dos países subdesenvolvidos, embora existissem, no século XIX, nas cidades dos países industrializados. Por outro lado, desde o início da industrialização urbana, os serviços voltados para os transportes e a circulação (e ligados às possibilidades abertas pelo petróleo) vêm impulsionar essas atividades e participar do seu desenvolvimento. As cidades dos países industrializados do século XIX, entretanto, não se beneficiaram dessa vantagem. (SANTOS, 2010, P. 65)

*“Eu tenho um tênis louco tão raro*

*E ando neles (neles) nas minhas ruas de barro*

*Meu bairro (tão violento e medonho)*

*Barreiro (vila Pinho lombrada)*

*Ferrados (aqui os manos não sonham)  
Só fumam, vendem drogas e matam”*

Na Vila Pinho, bairro da RMBH, segundo o eu-lírico a urbanização não chegou às ruas, no entanto a fama do tênis “louco e raro” é conhecida amplamente. A urbanização não é democrática na metrópole, é, na verdade, instrumento de “produção das injustiças sociais e espaciais, (...) contribuindo também para a regulação das sociedades contemporâneas, principalmente organizando as modalidades do seu acesso ao espaço” (DI MÉO, 2008). Em outras palavras, o Estado, quando atua na organização das dinâmicas urbanas nos territórios, utiliza instrumentos para sustentar as relações raciais, sociais, econômicas e de trabalho das regiões metropolitanas espalhadas, por exemplo, pelos estados brasileiros, reforçando, muitas vezes, suas características segregadoras.

### **Gueto, uma heterotopia americana.**

O ambiente em que o eu lírico, F.B.C e muitas famílias em Belo Horizonte germinam em muito se afasta da concepção idílica de metrópole, mas é justamente por uma força invisível metropolitana, naturalmente excludente, que conhecemos atualmente, em sua expressão mais agressiva como neoliberalismo que como Foucault (1926-1984) em *Le corps utopique, Les hétérotopies* discorre sobre os *contralugares*, ou como o coloca, as heterotopias, estes espaços que existem numa materialidade ambígua e que desafia convenções e que contudo são manifestações dos desejos implícitos da experiência de uma sociedade.

O carnaval que reorganiza as cidades em novas cores e normas e por uma semana inteira suspende bancários, professores, cirurgiões, porteiros, e vários de nós seria uma manifestação tipicamente brasileira desta heterotopia, mas não mais que as ligas de escolas de samba cariocas fundadas por organizadores do jogo do bicho, os hotéis internacionais abandonados nos centros das cidades ocupados por pessoas sem casa e as casas de swing frequentadas pela elite brasiliense – incluindo nossos deputados e deputadas mas foquemos

nas periferias, nos morros, ocupações, favelas, assentamentos, estes espaços por Deus ou a natureza nos entregue reconstituídos através de sucata, muitas vezes às margens dos centros urbanos que esta história percorre.

Porque o gueto é sim, uma heterotopia, é um não-espaço para todos que ele convida a entrar porque uma vez adentrando-o ele já não é mais o gueto, e sim cidade. É aquela boca-de-fumo que o policial militar entra na terça-feira de madrugada de camburão, mas na sexta à procura da branca como se nada na semana tivesse acontecido, onde o professor universitário frequenta por esporte, e as enfermeiras por estresse. O gueto às vezes têm putas, sim, e os filhos dessas putas também, que com o trabalho e dignidade acendem a luz por mais um dia, e mais um dia. É que o tempo escorre como a areia a praia escorre entre os nós dedos. Se vai o nosso tempo, nossas energias e nossas esperanças. Mas o gueto é o lar da mais autêntica expressão americana: a exploração.

Se há de existir um Vivendas da Barra, precisamos também de um Jacarezinho e 25 jovens para servir de escudo humano com seus corpos no metrô. Precisamos de umas centenas de trabalhadoras domésticas e quase na mesma medida que precisamos de garçons e porteiros para nos servir nas madrugadas e ouvirem nossas reclamações acerca do frio. É que essa conexão intrínseca entre a exploração das virtudes humanas e o gueto é a maior especialização técnica brasileira, aprimorada ao longo de 400 anos desde que sujeitamos pessoas à violências coloniais e a escravização.

A utopia neoliberal quer de você 40 mil reais em rendimentos mensais, as roupas de grife, perfumes e o carro do ano, ela que você pense um pouco mais em você, afinal você trabalhou tanto pra isso, não é mesmo? Criamos luxos para disfarçar as cicatrizes do labor e justificar as mazelas que nos submetemos diariamente. O consumo é o escapismo com o qual o liberal satisfaz não necessariamente o ego, mas sua falta de imaginação e autenticidade, bem como Diógenes dissera centenas de anos atrás, não se é feliz ou autêntico consumindo e experimentando prazeres que não emanam de si. E por isso Fabrício é tão valioso para a vida comum, as narrativas, técnicas, ciências e paixões que surgem da periferia, nascem em uma posição de verdade e por isso são tão eficientes, comuns e boas, sendo assim perfeitas para serem comoditizadas. A narrativa do esforço individual que irrompe as barreiras e intempéries do mundo que o atinge é o leite e o mel do capitalismo, é a nova Jerusalém, a terra prometida

em que encontraremos nossos umidificadores, certificações e luvas de pelica, e nela que nos é prometida a completude e é para esta utopia que aponta o norte da bússola do capital.

### ***A Globalização e Urbanização desigual por Milton Santos.***

*“Eu tenho um tênis louco tão caro*

*Tão raro, o tênis mais louco do bairro*

*Meu bairro é simples não tem acesso*

*Mas meu tênis (meu tênis) é louco, olha o cadarço*

*Ô Zé, onde você mudou?”*

Despeito a territorialidade – de ordem racial e capital, a lógica de apropriação dos discursos hegemônicos de consumo perpassa a noção de uma cidadania assegurada por esta, que não se limita aos espaços entendidos como segregados. Se aquela, em sentido único, opera uma seletividade branca e rica de assentamento nas áreas privilegiadas por aspectos normativos da especulação imobiliária e burocracia supressiva exercida pelo Estado, nota-se que a *coisificação* das ideologias (SANTOS, 2000), mediadas pelos veículos de comunicação de massa – quando não a mídia em seu sentido mais amplo, instauraram um regime autocrático de informação, que, por sua vez, alimenta o espírito da escassez contemporânea. O quê este pretende é criar demanda, para lográ-lo com sucesso, torna-se questão, com finalidade última, criar um consumidor. A globalização enquanto período histórico é caracterizada pelo imbricamento de novas técnicas, que sucessivamente tornam-se norma enquanto naturalizadas pelo rigor do consumo contemporâneo, mas que, concomitantemente também têm sua eficácia e validade comprometidas uma vez que tal justaposição de novas técnicas é a força motriz de uma crise endêmica à esta nova era.

A política dos pobres é baseada no cotidiano vivido por todos, pobres e não pobres, e é alimentada pela simples necessidade de continuar existindo. Nos lugares, uma e outra se encontram e confundem, daí a presença simultânea de



comportamentos contraditórios, alimentados pela ideologia do consumo. Este, ao serviço das forças socioeconômicas hegemônicas, também se entranha na vida dos pobres, suscitando neles expectativas e desejos que não podem contentar. (SANTOS, 2003, pág. 65)

Sobretudo é fundamental, entendendo a segregação enquanto uma situação economicamente excludente, compreender que a pobreza estrutural de nosso território descende diretamente de um projeto de manutenção das oligarquias é também nativo o emprego da violência, já que como argumenta SANTOS<sup>5</sup> para exercer o poder, a potência, em seu estado puro utilizá-la é inescusável. Nota-se que a ausência das instituições estatais, junto à especulação imobiliária, nas comunidades, assentamentos, ocupações, organizações urbanas, favelas, etc., condicionam as populações, à cisões e porções do espaço urbano – que apesar de díspares em muitos sentidos – mas com mesmo espírito de carência e escassez de infra-estrutura urbana básica, acesso à saúde, lazer, estudo e cultura.

É notória a seletividade estatal no que tange a velocidade do acesso – ou mesmo a possibilidade dele - dos sistemas de serviços públicos. Tal penúria é intencional, direcionada e processual, cobiçada pelas elites nacionais é o ponto de deflagração de disparidades raciais e sociais que asseveram os sintomas de uma globalização desigual. O consumo, na figura dos objetos, no caso do álbum S.C.A, representa uma ordem regente das relações sociais e de classe que são exercidas/ e favorecidas pela violência estrutural do capitalismo tardio, que gere a territorialização dos espaços, e seletividade dos serviços e acessos possíveis prestados às populações de comunidades periféricas. A população pobre, em especial, as interseccionalidades às suas maneiras, manifestam uma crise de crédito – na contemporaneidade – e de capital, na história latino-americana no geral. Tal adversidade é frutífera à uma política neoliberal, já que emerge desta fricção de interesses, objetos, informações, e diferenças de sociabilidade de raça/classe/gênero, em velocidade ímpar, uma política

---

<sup>5</sup> SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

de violência urbana, de vários sentidos, mas que em dois enfoques principais destaca-se a violência do estado praticada, na figura dos dispositivos supressivos do estado como a polícia, em sua potência mais física e terminal e, por fim, a violência estrutural que provoca nas próprias comunidades periféricas embriagantes lógicas de consumo, que funcionam, com êxito, como ímpeto de conseguir e manter o capital, pelo dinheiro e pelas coisas. Estas pessoas, preteridas pelo mercado de trabalho são introjetadas de racionalidades globalizantes, desejos, sonhos e narrativas, profundamente atreladas à sua propensão de consumo, e apesar disso, estas pessoas percebem-se em um contexto radicalmente oposto a ascendência de seus pares através da aquisição de bens e serviços, relegados à vias não constitucionais/formais de obtenção de capital, fomentado pela fugaz velocidade das técnicas de comunicação, são os personagens de uma globalização que, ao contrário de seu espírito homogeneizante, acessam pouca flutuação econômica, e restritiva mobilidade espacial.

A socialidade urbana pode escapar aos seus intérpretes, nas faculdades; ou aos seus vigias, nas delegacias de polícia. Mas não aos atores ativos do drama, sobretudo quando, para prosseguir vivendo, são obrigados a lutar todos os dias. Haverá quem descreva o quadro material dessa batalha como se fosse um teatro, quando, por exemplo, se fala em estratégia de sobrevivência, mas na realidade esse palco, junto com seus atores, constitui a própria vida concreta da maioria das populações. A cidade, pronta a enfrentar seu tempo a partir do seu espaço, cria e recria uma cultura com a cara do seu tempo e do seu espaço e de acordo ou em oposição aos “donos do tempo”, que são também os donos do espaço. (SANTOS, 2003, P. 65)

*“Eu tenho um tênis louco e tão raro*

*Tão caro (caro), o tênis mais louco do bairro*

*Meu bairro é simples, não tem asfalto*

*Mas meu tênis (tênis) valeria um assalto*

*Eu tenho (tenho) um tênis caro tão novo*

*O mais louco (novo) e raro tênis do bairro*

*Meu bairro tão violento e simplório*

*Meu tênis, aqui, vale um velório”*

*Fabrizio “F.B.C”*

Conforme verifica-se em SANTOS (1926-2001, 1994, 2000, 2003), Fabrizio, seus eu-líricos, sendo autobiográficos ou não, são personagens de uma hermética dialética moderna, de desfavorecimento, epistemicídio, e diversas outras injustiças. *Superstar*, o tênis, é um imperativo, uma iconografia tão bem difundida, que desperta desejo e, às vezes, até mesmo justificando o emprego da violência, como roubo. A publicidade é propaganda, porque todos os produtos são manifestações materiais de ideologias, e, vide SANTOS (2003), essa onipresença de objetos que nos seduzem e nos controlam regem a lógica de bens e serviços, e são ferramentas palpáveis que os discursos neoliberais, difundidos pelos meios de comunicação, se apropriam para criar o espírito de escassez recente. Implicar-se-á à essa *racionalidade das coisas* um imperativo de privação, próprio ao nosso tempo, “*Meu bairro tão violento e simplório/ Meu tênis, aqui, vale um velório*”. O consumo o faz com tamanho sucesso, por aparente, fusão de meio e fim, o tênis, *Superstar*, é ferramenta que estes sujeitos se valem para transitar, em algum grau de capilaridade, socialidades à ele renegadas pelos aspectos estruturais e geográficos da urbanização desigual nas metrópoles. Ora, se por desventura, ou projeto, a urbanização na ilustração de um bairro simplório e sem asfalto, infere-se sem infraestrutura urbana coerente aos padrões da sociedade burguesa moderna, não chega à essas comunidades, a informação, lê-se, no caso, o *marketing*, o fsaz, e de tal sorte, que não escapa nem àqueles, como o eu lírico, que residem em áreas consideradas violentas.

Funda-se, de fato, um novo mundo. Para sermos ainda mais precisos, o que, afinal, se cria é o mundo como realidade histórica unitária, ainda que ele seja extremamente diversificado. Ele é datado com uma data substantivamente única, graças aos traços comuns de sua constituição técnica e à existência de um único motor para as ações hegemônicas, representado pelo lucro à escala global. É isso, aliás, que, junto à informação generalizada, assegurará a cada lugar a comunhão universal com todos os outros. (SANTOS, 2003, P. 87)

*“Meu bairro (tão violento e medonho)*

*Barreiro (vila Pinho lombrada)*

*Ferrados (aqui os manos não sonham)*

*Só fumam, vendem drogas e matam*

*Nem querem ter o tênis mais caro*

*O mais raro, o tênis mais louco do bairro*

*Eu tenho, chegou pra mim na caixa*

*Nem precisei tirar o ferro da calça*

*Populares vão dizer que eu estou rico*

*Só porque eu tenho um tênis louco tão caro*

*Cafés da manhã, hotéis limpos (limpos), tênis novos*

*Meu coração batendo confortável”*

Vide SANTOS (2003) compreende-se aqui que a designação dos papéis dominantes, cria e recria incessantemente, além de uma pobreza absoluta, uma pobreza relativa que classifica as pessoas segundo seu perfil de consumo, isto é, sua capacidade de consumir. Servindo inclusive, como índices relativos de pobreza e miséria. O eu-lírico da canção relaciona-se com seu bairro, e com as pessoas que ali residem, a se dizer, de formas a reforçar, talvez por sua vivência compeli-lo a fazê-lo, o estereótipo do preto, pobre ou favelado, um sujeito – que por seu rede e sua integração com o meio – é usurpado de sua potência, relegado de suas capacidades e virtualidades. Este, muitas vezes, são vítimas de sintomas desta urbanização/globalização desigual, expressando largamente, na figura daqueles que, por não conseguirem manter um padrão de consumo, têm suas vidas cerceadas por violências: físicas, psicológicas, simbólicas, estruturais, raciais, etc, como por exemplo o abuso ou dependência de substâncias, envolvimento ou não com crime organizado, citados na letra da música.

Infere-se, tanto na análise da música, quanto ao questionamento da comunidade do bairro do eu lírico como dito em “*Populares vão dizer que eu estou rico/ Só porque eu tenho um tênis novo tão raro*” que a *coisificação das ideologias* se dá, coincidentemente à *objetificação das pessoas*, e entende-se que estas são pessoas, atores, personagens, agentes (da globalização e, mais amplamente, do capital) consomem aquilo que ideologicamente defendem e/ou almejam, e que estes objetos são dispositivos de medição de um possível índice de pobreza e/ou riqueza de um indivíduo, grupo, ou comunidade.

a distribuição do poder é tributária da realização dos fins últimos do próprio sistema globalitário. Estas são as razões pelas quais a vida normal de todos os dias está sujeita a uma violência estrutural que, aliás, é a mãe de todas as outras violências. (SANTOS, 1926-2001, P. 30)

### **Breves conclusões**

Ante a inevitabilidade do esquecimento, as limitações de nossa fatia no tempo, nossas identidades, arcabouço teórico, subjetividades e, por sua vez, nosso lugar de fala, resgatar epistemes – especialmente no que tange a memória coletiva – vem se provando uma alternativa à *embranquecedora* etnografia e a práxis acadêmica, alcançando entendimentos meta-críticos sobre a realidade metropolitana, desintoxicando o saber. Logo, o *rap* e o *trap*, propositalmente, revigoram a identidade de sujeitos que tiveram seu espírito, raízes, memória coletiva e, por vezes étnica, usurpadas pelo epistemicídio e imperativos categóricos impostos pela ciência contemporânea.

Então, a curadoria dos saberes populares, expandindo-se ao salvaguardar diferentes epistemes, revela o elencamento de novos perfis de análise de sujeitos periféricos que, pela autonomia na sua autodescrição e na elaboração de suas narrativas através da memória social e histórica, são dotados de maior capacidade de entender e (den)enunciar sua realidade. Neste sentido, Superstar, significado e significante, são imperativos escolhidos por “*F.B.C*” para descrever a realidade metropolitana de Belo Horizonte pela estética do *trap*, tanto nas tensões sociais que

caracterizam os versos e a rotina da periferia, como nas questões macro-estruturais que caracterizam as violências estruturais e inexoráveis proporcionadas pelo imbricamento técnico e informacional do período histórico conhecido como globalização.

### **Refêrencias bibliográficas**

BRENNER, Neil. **Espaços da urbanização a partir da teoria crítica**. 1. Ed - Rio de Janeiro: Letra Capital: Observatório das Metrôpoles, 2018.

FOUCAULT, Michel. **O Corpo Utópico, As Heterotopias**. São Paulo, n-1 Edições, 2013.55p. ISBN 978-85-66943-07-8.

DI MÉO, Guy. **Introdução ao debate sobre a metropolização**. Confins [on-line], n. 4, São Paulo, 2008, p. 2-11.

FLAUZINA, Ana Luiza Pinheiro. **Corpo negro caído no chão: sistema penal e o projeto genocida do Estado Brasileiro**. Universidade de Brasília, UnB, Brasília, 2006.

KOWARICK, L. (1993). **A espoliação urbana**. 2ª edição. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

LOUREIRO, Bráulio R. de C. **Arte, cultura e política na história do rap nacional**. Revista do Instituto de Estudos brasileiros, n. 63 abr. 2016 (p. 235-241).

NOVAES , Dennis. **Funk Proibidão: Música e Poder nas Favelas Cariocas**. Rio de Janeiro, 2016.

OLIVEIRA, F. (1982). **O Estado e o urbano no Brasil**. In: BARROS, SILVA e DUARTE (Org.). Cidades e conflitos: o urbano na produção do Brasil contemporâneo. Caderno de Debates 2. RJ: FASE, 2013.

SANTOS, Milton. **A Urbanização Desigual: A Especificidade do Fenômeno Urbano em Países Subdesenvolvidos**. 3ª edição. São Paulo, 1926-2001.

SANTOS, Milton. **A Urbanização Desigual**. São Paulo: Edusp, 2010.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SANTOS, Milton “Globalização, Cidadania e Meio Técnico-Científico–Informacional”. In: Milton Santos. **Cidadania e Globalização**, AGB, Editora Saraiva, Bauru, SP, 2000 pp. 15–20

SOUZA, Josiane de A. **Expansão Urbana de Belo Horizonte e da Região Metropolitana de Belo Horizonte: O Caso Específico do município de Ribeirão das Neves**. Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, Belo Horizonte, 2008.